

RISCOS QUÍMICOS NA PRODUÇÃO DO CARNAVAL: A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NO BARRACÃO

Romulo de Oliveira Pires¹ (IC), Eline Deccache Maia¹ (PQ), Jorge Cardoso Messeder^{1*} (PQ)

1- Curso de Licenciatura em Química do IFRJ/Campus Nilópolis.

Rua Lúcio Tavares, 1045, Nilópolis, CEP: 26530-060, Rio de Janeiro. * E-mail: jorge.messeder@ifrj.edu.br

Palavras Chave: Carnaval, riscos químicos, Alfabetização científica, espaço de ensino informal.

Introdução

A Química está presente em diversos espaços sociais e econômicos ganhando a cada dia maior destaque, sendo cada vez mais necessário um conhecimento mínimo sobre a mesma, nem que seja para aplicação empírica.¹ O universo do carnaval carioca, que tem na Química uma forte aliada na elaboração da sua arte é um bom exemplo disso. O uso da Química no carnaval revela-se em meio a um conhecimento prático fundamentado na fabricação de artefatos que envolve a manipulação de solventes orgânicos, fibra de vidro, resinas e outros materiais. Essa atividade, que dá forma aos enredos pré-estabelecidos e que, portanto, contribui para a construção da beleza deste evento, envolve riscos. O presente trabalho pretende discutir a realidade das atividades do barracão do G.R.E.S. Beija-Flor na Cidade do Samba, que envolvem diretamente a Química, mais especificamente, discutir o grau de alfabetização científica dos trabalhadores do barracão.^{2,3} Para tanto, foram feitas entrevistas com quatro dos doze profissionais que trabalham diretamente no processo de confecção de peças de fibra de vidro e resina. As entrevistas gravadas em áudio foram semiestruturadas, de modo a permitir maior flexibilidade nos relatos de experiência dos entrevistados.⁴ O foco centrou-se na relação que estes profissionais fazem do seu trabalho diário com os conhecimentos adquiridos na escola; suas percepções de ciência; onde aprenderam o seu ofício e, conseqüentemente, o entendimento da toxicidade e periculosidade dos materiais usados; os primeiros socorros; o histórico de eventuais acidentes e doenças de trabalho.

Resultados e Discussão

Os entrevistados tiveram dificuldades de estabelecer conexão entre suas atividades e o conhecimento científico, além de não perceberem relação dessas tarefas com os saberes adquiridos na escola. Todos demonstraram possuir vasta experiência nos seus ofícios, por trabalharem em empresas de grande porte ou já terem participado de cursos de capacitação na área. Apesar disso,

quando indagados sobre os EPI, reconhecerem a sua importância, mas disseram que não fazem uso destes, alegando que: "... quando trabalhava na indústria, usava todo o equipamento de segurança... Mas aqui é muito quente e isso dificulta o trabalho." (Trabalhador 1). "... não dá pra trabalhar direito, fico parecendo um astronauta." (Trabalhador 2). Quanto às possíveis doenças adquiridas devido ao trabalho diário, nenhum entrevistado relatou histórico de enfermidade devido ao manuseio de materiais tóxicos. Contudo, um dos trabalhadores reclamou de ardência nos olhos e vista embaçada, denotando que o mesmo não relaciona esse fato como conseqüência das suas atividades no barracão. Em relação aos primeiros socorros, não houve unanimidade dos conceitos: "... quando a gente está um pouco tonto por causa do cheiro da resina, a gente desce até a cozinha e bebe um pouco de leite." (Trabalhador 3). "... eles dizem para beber leite quando se sentir intoxicado, mas a gente sabe que isso não adianta de nada, leite só mata a fome." (Trabalhador 1). A idéia do leite como antídoto é amplamente difundida no barracão, reproduzindo um conhecimento do senso comum. Tais trabalhadores desconhecem que o leite não dispõe de atividade ou potencial antiveneno, nem substitui medidas de tratamento de intoxicações por manuseio de produtos químicos.⁵ A maioria dos riscos químicos a que estão submetidos não é conhecida por eles, fato verificado, por exemplo, quando misturam com a mão a resina líquida e o dióxido de titânio, ou não utilizam máscaras quando manipulam solventes voláteis. Os resultados obtidos reforçam o entendimento de que espaços informais devem ser usados para práxis dos professores de química, com reflexos para ganhos em termos de aprendizagem, especialmente no que se refere aos conceitos científicos, à compreensão da ciência e à aquisição de atitudes científicas junto à comunidade.

Conclusões

Com o trabalho no estágio atual, verificou-se a necessidade da alfabetização científica para os sujeitos envolvidos na pesquisa, permitindo com isso, encaminhar-se para confecção de materiais educativos sobre os riscos químicos envolvidos nas

Sociedade Brasileira de Química (SBQ)
atividades do barracão da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Nosso trabalho promove, portanto, o estreitamento entre a IES com a comunidade, através da promoção de atividades desta natureza.

Agradecimentos

À Beija-Flor que abriu suas portas para a nossa pesquisa e ao apoio da FAPERJ, PROCIÊNCIA e CNPq.

¹ Santos, W. L. P.; Mortimer, E. F. *Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciência*, v 2, n° 2, dez. **2002**.

² CHASSOT, A. Alfabetização científica. Questões e desafios para a educação, 4ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, **2006**.

³ Lambach, M.; Aires, J. A. *Contextualização do ensino de Química pela problematização e alfabetização científica e tecnológica: uma experiência na formação continuada de professores. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, 2009*.

⁴ Cardoso, R. (org.). *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, **1986**, p. 95-106.

⁵ Gana Soto, J. M.O.; Duarte Saad, I. F. S.; Fantazzini, M. L. *Riscos Químicos*. São Paulo. FUNDACENTRO - Ministério do Trabalho, **1994**.